

FEZ

ELITE
PRÉ-VESTIBULAR
c a m p i n a s

Aprovou!

Elite Resolve

UNESP 2012

**CONHECIMENTOS
ESPECÍFICOS**

LÍNGUAS

www.elitecampinas.com.br

os melhores **gabaritos** da internet

LÍNGUA PORTUGUESA

TEXTO

INSTRUÇÃO: As questões de números 25 a 28 tomam por base uma passagem de um conto de Ignácio de Loyola Brandão (1936-) e parte de um artigo de Bernardo Jefferson de Oliveira.

O homem que queria eliminar a memória

(...)

Estava na sala diante do doutor. Uma sala branca, anônima. Por que são sempre assim, derrotando a gente logo de entrada?

O médico:

— Sim?

— Quero me operar. Quero que o senhor tire um pedaço do meu cérebro.

— Um pedaço do cérebro? Por que vou tirar um pedaço do seu cérebro?

— Porque eu quero.

— Sim, mas precisa me explicar. Justificar.

— Não basta eu querer?

— Claro que não.

— Não sou dono do meu corpo?

— Em termos.

— Como em termos?

— Bem, o senhor é e não é. Há certas coisas que o senhor está impedido de fazer. Ou melhor; eu é que estou impedido de fazer no senhor.

— Quem impede?

— A ética, a lei.

— A sua ética manda também no meu corpo? Se pago, se quero, é porque quero fazer do meu corpo aquilo que desejo. E se acabou.

— Olha, a gente vai ficar o dia inteiro nesta discussão boba. E não tenho tempo a perder. Por que o senhor quer cortar um pedaço do cérebro?

— Quero eliminar a minha memória.

— Para quê?

— Gozado, as pessoas só sabem perguntar: o quê? por quê? para quê? Falei com dezenas de pessoas e todos me perguntaram: por quê? Não podem aceitar pura e simplesmente alguém que deseja eliminar a memória.

— Já que o senhor veio a mim para fazer esta operação, tenho ao menos o direito dessa informação.

— Não quero mais me lembrar de nada. Só isso. As coisas passaram, passaram. Fim!

— Não é tão simples assim. Na vida diária, o senhor precisa da memória. Para lembrar pequenas coisas. Ou grandes. Compromissos, encontros, coisas a pagar, etc.

— É tudo isso que vou eliminar. Marco numa agenda, olho ali e pronto.

— Não dá para fazer isso, de qualquer modo. A medicina não está tão adiantada assim.

— Em lugar nenhum posso eliminar a minha memória?

— Que eu saiba não.

— Seria muito melhor para os homens. O dia a dia. O dia de hoje para a frente. Entende o que eu quero dizer? Nenhuma lembrança ruim ou boa, nenhuma neurose. O passado fechado, encerrado. Definitivamente bloqueado. Não seria engraçado? Não se lembrar sequer do que se tomou no café da manhã? E para que quero me lembrar do que tomei no café da manhã?

(Ignácio de Loyola Brandão. *Cadeiras proibidas*: contos. Rio de Janeiro: Codecri, 1984, p. 32-34.)

Os avanços da genética nos filmes

Uma boa forma de se pensar as possibilidades e riscos no avanço das ciências é se aventurar nas ficções literárias e cinematográficas. Enquanto os cientistas devem zelar para não fazer especulações infundadas, os autores de ficção tratam de dar asas à imaginação e projetar em histórias emocionantes as possíveis aplicações da ciência e alguns de seus efeitos inesperados.

A possibilidade de recriação da vida humana ou do controle que poderíamos ter sobre seus corpos e destinos são alguns dos grandes temas que há muito tempo vêm sendo explorados. O que seria de nossa vida se soubéssemos como prolongá-la indefinidamente? Como ficariam nossos corpos se pudéssemos transformá-los à vontade ou se conseguíssemos fabricar seres para nos substituírem nas tarefas duras e chatas? Não seria uma maravilha se pudéssemos implantar ou fazer um download de memórias e conhecimentos que nos dispensassem de ter que aprender “na marra”, com muito estudo e algumas experiências ruins? Que tal poder escolher e reconfigurar nossas características e as das pessoas com quem convivemos?

Nosso imaginário é povoado por robôs, clones, artificios fantásticos, instrumentos poderosos e tecnologias sofisticadas que aparecem sob variadas formas nos enredos de diversos filmes. Metrópolis, Frankenstein, Blade Runner, Inteligência Artificial, Eu Robô e Matrix são alguns que se tornaram clássicos, pois foram marcantes para gerações e continuam sendo referidos e revisitados. De maneira geral, retratam como boas ideias podem ter desdobramentos imprevistos e indesejáveis. É o que acontece, por exemplo, nas narrativas utópicas que descrevem sociedades ideais, mas que se revelam sombrias e nada atraentes quando conhecidas de perto, como nos filmes 1984 ou Brazil.

Isto obviamente não invalida, nem deveria desestimular, os avanços do conhecimento. Pelo contrário! Juntamente com as dúvidas que essas histórias lançam sobre nossas certezas e expectativas, elas suscitam interrogações e recolocam questões fundamentais. Se a engenharia genética pode fazer as pessoas melhores, mais saudáveis, mais desejáveis, por que não seguir em frente? Quais seriam as implicações dessa seleção artificial?

Assistir e conversar sobre o filme GATTACA é uma boa forma de entrar nessa discussão. O nome da produção e do local onde se passa vem das letras com que representamos as sequências do DNA (G, A, T, C). Mais precisamente, as iniciais das bases químicas dessas moléculas: Guanina, Adenina, Timina e Citosina. O filme retrata uma sociedade organizada e estratificada de forma racional, tomando como base o levantamento genético dos indivíduos. Aparentemente, uma forma de se aproveitar melhor, e para o bem comum, as características e o potencial de cada um. Acontece que um jovem, inconformado com o destino que seus genes “defeituosos” lhe reservara, falseia sua identidade genética para assumir a profissão com que sempre sonhara, a de espaçonauta. Boa parte da trama e do suspense do filme advém do fato de que sua verdadeira identidade biológica, inválida para aquela atividade, tinha que ser ocultada todo o tempo e com muita astúcia, pois a manutenção da ordem social se baseava em constantes escaneamentos genéticos. As situações enfrentadas pelo personagem nos levam a compartilhar sua percepção de injustiça, e torcer pela subversão ao sistema.

(Bernardo Jefferson de Oliveira. *Os avanços da genética nos filmes*. pré-Univesp, edição 6, 15.11.2010: www.univesp.ensinosuperior.sp.gov)

QUESTÃO 25

A personagem do conto de Loyola Brandão, em suas tentativas de demonstrar ao médico que seria bom eliminar a memória, apresenta, entre seus argumentos, no último parágrafo, um de ordem emocional, sentimental. Identifique esse argumento e justifique-o do ponto de vista da personagem.

Resolução

O argumento de ordem emocional usado no último parágrafo é o seguinte: “nenhuma lembrança boa ou ruim, nenhuma neurose.” Do ponto de vista da personagem, tudo indica que ela vê o passado como algo predominantemente negativo: embora admita a existência de lembranças boas, destaca a existência das “neuroses”, ou seja, memórias traumáticas que de alguma forma prejudicam sua vida presente.

Se levarmos em conta também o comentário que a personagem faz durante sua conversa com o médico (“falei com dezenas de pessoas e todas me perguntaram: por quê?”), é possível inferir que o paciente quer retirar da vida cotidiana a preocupação com o sentido das coisas, mantendo a mente voltada apenas às atividades do momento. Seria uma forma radical do princípio do Carpe Diem, que defendia como valor mais importante a fruição da vida presente.

QUESTÃO 26

Depois de comparar os dois textos, demonstre que, quanto à questão da memória, o homem do conto, que procura o médico, e o pesquisador Bernardo Jefferson de Oliveira manifestam opiniões bem distintas.

Resolução

O homem que queria eliminar a memória defende a ideia de que a vida sem interferência do passado seria maravilhosa, pois os humanos estariam livres das memórias negativas e traumas provocados por elas; já o pesquisador Bernardo Jefferson de Oliveira afirma que o acesso automático a lembranças seria algo positivo, como fica explícito no seguinte trecho: “não seria uma maravilha se pudéssemos implantar ou fazer um download de memórias e conhecimentos que nos dispensassem de ter que aprender ‘na marra’, com muito estudo e algumas experiências ruins?”

No entanto, é possível enxergar uma semelhança entre as opiniões expostas nos dois textos, já que o artigo também admite que experiências ruins poderiam ser eliminadas. Ao defender o acesso automático ao conhecimento, uma das coisas que ele advoga é justamente que este seria desprovido de memórias ruins, mesma meta buscada pela personagem do conto de Loyola.

A principal diferença entre as duas opiniões seria, portanto, não a crítica às memórias negativas (que ambos os textos mencionam), mas sim o fato de que o conto considera a eliminação das memórias ruins uma coisa desejável, mesmo que as memórias boas também sejam destruídas, enquanto o artigo considera a presença de conhecimentos (ou seja, memórias) algo positivo, colocando a ausência de memórias negativas como uma vantagem secundária.

QUESTÃO 27

Segundo se depreende da síntese de Bernardo Jefferson de Oliveira, ao apresentar *uma sociedade organizada e estratificada de forma racional, tomando como base o levantamento genético dos indivíduos*, o filme *GATTACA* focaliza uma utopia cuja aplicação, como em todas as utopias, acaba não dando inteiramente certo. Indique qual o aspecto da natureza humana que a organização da sociedade de *GATTACA* ignorou e que acabou gerando toda complicação focalizada no enredo do filme.

Resolução

O aspecto da natureza humana ignorado pela organização da sociedade de *GATTACA* foi a ambição individual. Este valor é um dos principais responsáveis por fazer o ser humano sonhar e ir além daquilo que é previamente estabelecido socialmente. É a ambição individual que, quando bem orientada, promove as mudanças sociais inclusive, como desvendar os mares no século XV, o espaço sideral na década de 60, entre outros. Poder-se-ia pensar também na *curiosidade*, contudo, ser curioso não garante por si só o impulso necessário para quebrar barreiras, subverter sistemas ou apenas mudar as condições individuais de sobrevivência.

Mesmo quando uma sociedade utópica é pensada para atender o bem comum, é necessário atentar que, majoritariamente, este “bem comum” perpassa o subjetivismo da parcela detentora do poder. Este que pode atender a interesses governamentais, como no citado filme “1984”, ou à necessidade de lucro de empresas privadas como em “Inteligência Artificial”. Ao massificar o conceito do “bem-estar social” tende-se a aniquilar as expectativas e anseios individuais, contudo, o ser humano, ainda que altamente social, não se organiza tal como abelhas ou formigas. Alegoricamente, esta diferença é retratada no infantil “Formiguinha Z”, destacando na figura do protagonista este anseio humano de sentir-se diferenciado dos outros, de buscar a realização de sonhos e questionar a ordem social.

Cabe lembrar igualmente que há vários exemplos contemporâneos que retomam esta temática, entre eles destacamos: “A Ilha”, filme que discute o uso de clones para transplantes de órgãos e reprodução assistida; e o recente “O Preço do Amanhã”, ainda em exibição nos cinemas. Ambos os filmes citados exploram a perspectiva da ambição e curiosidade humana como características incontroláveis por quaisquer tipos de sistema e, portanto, assim como em *GATTACA*, promovem personagens contestadores e ambiciosos verdadeiramente.

QUESTÃO 28

No primeiro parágrafo e em outras passagens do artigo, Bernardo Jefferson de Oliveira destaca que os literatos e os cineastas desfrutaram de uma liberdade que os cientistas não têm ante suas próprias descobertas científicas. Que liberdade é essa?

Resolução

A liberdade é a licença poética, no seu sentido mais amplo e temático, não se restringindo a aspectos gramaticais e estruturais. A partir do texto, podemos debater o segundo período do primeiro parágrafo: “Enquanto os cientistas devem zelar para não fazer especulações infundadas, os autores de ficção tratam de dar asas à imaginação e projetar em histórias emocionantes as possíveis aplicações da ciência e alguns de seus efeitos inesperados”.

Observe que as funções sociais dos cientistas e dos autores de ficção são bastante distintas, uma vez que, enquanto os primeiros devem pautar-se das evidências e resultados concretos para qualquer tipo de divulgação, os segundos extrapolam tais resultados inundando o imaginário coletivo e instigando, de certa forma, a busca por inovações e descobertas. Podemos citar o famoso autor Júlio Verne (1822–1905) e uma das suas muitas criações literárias, a obra “Da Terra à Lua”, em que idealizava a projeção de módulos de passageiros por um canhão com velocidade suficiente para vencer a gravidade; tal ideia ganhou eco com os projetos da NASA e em 1969 o primeiro homem chegava à Lua.

As “especulações infundadas” proibidas aos cientistas são plenamente permitidas aos autores de ficção, uma vez que cabe a estes a função de traduzir em palavras e em cenários imaginários as frustrações, anseios, medos e conquistas comuns aos seres humanos, como modo de captar a alma irrequieta, curiosa e ambiciosa que caracteriza grande parte dos indivíduos em toda humanidade. É na imaginação fictícia e literária que o homem pode encontrar respaldo para questões às quais ainda faltam respostas concretas.

TEXTO

INSTRUÇÃO: As questões de números 29 a 32 tomam por base uma passagem de um conto de Machado de Assis (1839-1908) e uma tira do cartunista Laerte (Laerte Coutinho, 1951-).

Um homem superior

Quis a desgraça de Medeiros [patrão de Clemente] que os negócios lhe corresse mal; duas ou três catástrofes comerciais o puseram às portas da morte.

Clemente Soares fez quanto pôde para salvar a casa de que dependia o seu futuro, mas nenhum esforço era possível contra um desastre marcado pelo destino, que é o nome que se dá à tolice dos homens ou ao concurso das circunstâncias.

Achou-se sem emprego nem dinheiro.

(...)

No pior da sua posição, recebeu Clemente uma carta em que o comendador o convidava a ir passar algum tempo na fazenda.

Sabedor da catástrofe de Medeiros, queria o comendador naturalmente dar a mão ao rapaz. Este não esperou que repetisse o convite. Escreveu logo dizendo que daí a um mês se poria em marcha.

*Efetivamente um mês depois saía Clemente Soares em caminho do município de***, onde era a fazenda do comendador Brito.*

O comendador esperava-o ansioso. E não menos ansiosa estava a moça, não sei se porque já lhe tivesse amor, se porque ele fosse uma distração no meio da monótona vida rural.

Recebido como amigo, tratou Clemente Soares de pagar a hospitalidade, fazendo-se conviva alegre e divertido.

Ninguém o poderia melhor do que ele.

Dotado de grande perspicácia, compreendeu em poucos dias como entendia o comendador a vida do campo, e tratou de o lisonjear por todos os modos.

Infelizmente, dez dias depois da sua chegada à fazenda, adoeceu gravemente o comendador Brito, por maneira que o médico poucas esperanças deu à família.

Era ver o zelo com que Clemente Soares servia de enfermeiro do doente, procurando por todos os meios suavizar-lhe os males. Passava noites em claro, ia aos povoados quando era necessário fazer alguma coisa mais importante, consolava o doente já com palavras de esperanças, já com animada conversa, cujo fim era distraí-lo de pensamentos lúgubres.

— Ah! dizia o pobre velho, que pena que eu o não conhecesse há mais tempo! Bem vejo que é um verdadeiro amigo.

— Não me elogie, comendador, dizia Clemente Soares, não me elogie, que é tirar o mérito, se o há, destes deveres agradáveis ao meu coração.

O procedimento de Clemente influenciou no ânimo de Carlotinha, que nesse desafio de solicitude soube mostrar-se esposa dedicada e reconhecida. Ao mesmo tempo fez com que em seu coração se desenvolvesse o gérmen de afeto que Clemente de novo lhe lançara.

Carlotinha era uma moça frívola; mas a doença do marido, a perspectiva da viuvez, o desvelo do rapaz, tudo fez nela uma profunda revolução.

E mais que tudo, a delicadeza de Clemente Soares, que, durante esse tempo de tão graves preocupações para ela, nenhuma palavra de amor lhe dirigiu.

Era impossível que o comendador escapasse à morte.

(Machado de Assis. *Contos fluminenses*, vol. II. São Paulo: Editora Mérito, 1962, p. 103-105.)

Fagundes, um puxa-saco de mão-cheia



(Laerte [Laerte Coutinho]. *Fagundes: um puxa-saco de mão-cheia*. Porto Alegre: L&PM, 2007, p.16.)

QUESTÃO 29

Dotado de grande perspicácia, compreendeu em poucos dias como entendia o comendador a vida do campo, e tratou de o lisonjejar por todos os modos.

Explique em que medida o verbo “lisonjejar”, empregado na frase, representa uma síntese da atitude de Clemente Soares ante o comendador, na passagem apresentada.

Resolução

O verbo lisonjejar, no contexto, significa tentar agradar, ou mais especificamente, adular. O uso de tal palavra é uma forma de condensar uma série de frases e atitudes que comporiam todo um diálogo entre o comendador e a personagem Clemente (indivíduo que, desde o momento em que aceitou o convite de visitar o comendador em sua propriedade, almejou objetivos outros que não apenas o da amizade). Dessa forma, torna-se imediata a relação entre o significado implicado na palavra *lisonjejar* e as ações de Clemente no texto: como se tratava de uma visita que tinha como objetivo aceitar a “mão” que lhe ofereciam num momento no qual se encontrava em apertos, o comportamento de Clemente buscava conquistar a confiança do comendador Brito, algo que se começa por meio da bajulação.

Obs.: Segundo o Dicionário Aulete, segue o significado de lisonjejar:

(1). Agradar ou tentar agradar com lisonja ou adulação para obtenção de favores, privilégios etc.; ADULAR [td. : Gostava de lisonjejar as mulheres.]

(2). Aprazer(-se), satisfazer(-se) ao receber agrado ou lisonja. [td. : Muito me lisonjeia sua atenção.] [tr. + com : Lisonjeava -se com cada palavra elogiosa.]

QUESTÃO 30

O que sugere com certa malícia o narrador, ao empregar a forma verbal *soube* no fragmento apresentado, dizendo que Carlotinha *soube mostrar-se esposa dedicada e reconhecida*, quando poderia ter dito que ela “mostrou-se esposa dedicada e reconhecida”?

Resolução

Uma das características principais do modo como Machado de Assis compõe suas obras é o uso de uma linguagem perspicaz e recheada de ironias. No trecho assinalado para esta questão, o objetivo do autor não é outro: busca marcar ironicamente a atitude de Carlotinha utilizando-se do verbo *soube*. No contexto em que o verbo *saber* se insere, passa a adquirir a ideia semelhante à de *habilidade*, demonstrando que a esposa do comendador dominava a arte de se fazer parecer dedicada e reconhecida, ainda que não se agisse honestamente dessa maneira.

QUESTÃO 31

Releia o segundo parágrafo do conto de Machado de Assis e explique o que deixa implícito o narrador a respeito da noção usual de destino.

Resolução

A partir da leitura do segundo parágrafo é possível identificar que o narrador amplia a concepção usualmente aceita sobre o que seja o “destino”. O narrador deixa implícita a ideia de que o homem nem sempre é vítima daquilo que se chama “destino”: o curso de sua vida poderá ser determinado tanto por suas atitudes quanto pelas circunstâncias nas quais esteja envolvido, e não só por algo a que se chama de *destino*, usualmente tratado como uma “entidade” responsável por e determinadora do futuro de cada ser humano. É possível identificar, no texto, tal aceção a partir de uma leitura cuidadosa dos trechos a seguir, nos quais o narrador relaciona o “mau destino”:

(1). “À tolice dos homens.” É possível interpretar, a partir desta aceção sobre destino, que na verdade este não seria o único determinante na vida do homem: as atitudes tomadas por nós em nosso dia a dia também seriam fundamentais. A ideia é que estas atitudes são as que terão efeitos posteriores inevitáveis, e não que o destino seja quem trará impasses para a vida do ser humano.

(2). “Ao concurso das circunstâncias.” Da mesma forma que é determinado pelas nossas atitudes, o curso da vida pode também depender das circunstâncias que as envolvem. Vale ainda comentar que esta delimitação se aproxima mais do que usualmente é chamado de “destino”.

QUESTÃO 32

Na tira de Laerte, aponte o que o aluno não percebeu de imediato como primeira lição de Fagundes.

Resolução

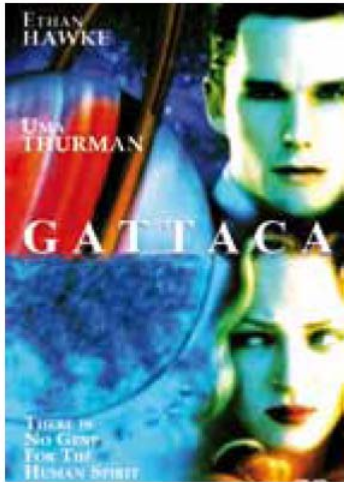
De imediato, o aluno não percebe a natureza calculada e exemplificadora da fala do professor, o qual utiliza de expressões claramente de puxa-saco, lisonja imerecida ou artificial, para se dirigir ao “aluno”. O que comprova esta premissa é a resposta do personagem ao dizer que “fica sem jeito” com as palavras do professor, ou seja, interpreta-as como elogios verdadeiros. Além disso, ele ainda questiona quando será a primeira aula, outro fato que corrobora a sua ingenuidade quanto à ação de Fagundes.

O mecanismo gerador de humor neste caso consistirá, portanto, na quebra de expectativa do leitor quando, no último quadrinho, Fagundes revelar que a primeira aula fora dada: puxar-saco sem parecer intencional era a premissa para ser um bom bajulador.

INGLÊS

TEXTO

INSTRUÇÃO: Leia o texto para responder, em português, às questões de números 33 e 34.



Gattaca Review
by James Brundage

(January 15th, 1999)

Gattaca is a character drama in the guise of a thriller, the same way that The Truman Show was a drama in the guise of a comedy. Andrew Niccol works his beautiful charms with both of them. In Gattaca, he offers us a stunning vision of the not-so-distant future, a time where genetic engineering is so commonplace that it is common practice. The world, of course, has the drawback that anyone who was not genetically engineered is part of a new class of society, called an invalid.

Vincent Freeman was born this way. He chooses, however, not to remain an invalid but to become what is known as a de-generate, someone who uses other people's blood, urine, hair etc. to fake a genetic code superior to their own. His dream was to end up in space and being this particularly loathed thing is the only way he is able to do it. Lending his dream to the real Gerome Morrow, a suicidal cripple, the two band together to get him into space. Everything is going well, he is set to leave in a week. Then the mission director is murdered.

This occurs, in my opinion, only to keep less intelligent viewers interested in the story, which contains enough pathos to warrant me watching it if it didn't involve a murder at all. As Vincent tries to keep his secret, he is falling in love with Irene Cassini, another worker at Gattaca, the story's equivalent of Cape Canaveral. The panic caused by the moment causes each person involved to examine themselves, society, and the state of the world.

The sad thing about Gattaca is that so many people will hate this movie because of its utterly slow pace. It does not keep the interest of someone not intrigued by people, which encompasses most every viewer today. So that takes out studio fans, and its Star Trek target audience.

(www.killermovies.com. Adaptado.)

QUESTÃO 33

Quem era denominado pelo termo *invalid* no contexto da história do filme? O que significava ser um *de-generate*, no mesmo contexto?

Resolução

a) De acordo com o primeiro parágrafo, o filme Gattaca nos oferece uma visão formidável (*stunning*) de um futuro não tão distante, uma época onde a engenharia genética é tão trivial (*commonplace*) que se torna uma prática comum. No mundo de Gattaca, entretanto, aqueles que não foram geneticamente programados (*genetically engineered*) têm a desvantagem (*drawback*) de fazer parte de uma nova classe da sociedade, chamados de inválidos (*invalid*).

b) Neste contexto, temos o personagem Vincent Freeman, que nasceu "inválido", mas que escolhe não continuar sendo rotulado como tal, e decide se tornar um de-generado (*de-generate*), ou seja, alguém que usa o sangue, a urina, o cabelo, etc... de uma outra pessoa (geneticamente programada) para falsificar um código genético superior para si próprio.

QUESTÃO 34

Segundo a crítica, por que o diretor da missão espacial foi assassinado? Havia realmente necessidade de esse fato ocorrer?

Resolução

No início do terceiro parágrafo, temos: "This occurs, in my opinion, only to keep less intelligent viewers interested in the story, which contains enough pathos to warrant me watching it if it didn't involve a murder at all."

Assim:

a) Segundo a crítica, o diretor da missão espacial foi assassinado apenas para manter os espectadores menos inteligentes interessados na história.

b) Ainda segundo a crítica, o filme tem apelo/pena/compaixão (*pathos*) suficiente para que o mantivesse assistindo, mesmo se não houvesse nenhum assassinato. Portanto, concluímos que não havia necessidade de esse fato ocorrer.

TEXTO

INSTRUÇÃO: Leia o texto para responder, em português, às questões de números 35 e 36.

Personal Marketing: Selling yourself

Before you begin a job search campaign you must have a personal marketing strategy. A personal marketing strategy provides you with a game plan for your job search campaign.

You should look at the job search as a marketing campaign, with you, the job seeker, as the product. Every product, even the best ones, won't succeed without a strong marketing strategy. This begins with a comprehensive, yet flexible plan. First you must know to whom you are marketing. You must identify the types of employers who would be looking for an employee with your qualifications. Are they all within a certain industry? Are there many industries that hire employees with your background?

You already know that personal marketing skills are important to your career and perhaps to find a better job, but the only problem is that the art of self marketing is difficult for a lot of people.

Selling yourself well doesn't mean talking just about yourself or arrogantly telling others how great you are. By selling yourself, in an interview or an informal networking meeting, I mean thinking first about the employer's needs and expectations and figuring out how you can create value for their organization. What does the potential employer really need from a new employee? What specific technical skills, workplace competencies and personal qualities is the employer looking for? Now if you can ask those questions dispassionately, you should be able to identify your own strengths that match and gently weave them into every conversation you have in the world of good jobs and prospective careers.

(Adaptado de <http://careerplanning.about.com> e www.your-career-change.com)

QUESTÃO 35

Liste quatro aspectos importantes a serem considerados, segundo o texto, para se realizar uma propaganda de si mesmo com a finalidade de conseguir um emprego.

Resolução

Segundo o texto, as pessoas deveriam encarar a procura por um emprego como uma campanha de marketing, sendo você, o produto a ser oferecido. Todo produto, até mesmo os melhores, não terão sucesso sem uma forte estratégia de marketing. E nesse sentido, é importante:

- saber para quem você está anunciando, isto é, identificar que tipos de empregadores estariam procurando um funcionário com as suas qualificações;
- evitar falar apenas sobre si próprio ou falar de modo arrogante sobre as suas qualidades;
- pensar nas necessidades e expectativas do empregador;
- descobrir como agregar valor à empresa.

QUESTÃO 36

Qual o significado da oração *...if you can ask those questions dispassionately...* no texto? A quais perguntas se faz referência nessa oração?

Resolução

A frase: *...if you can ask those questions dispassionately...* pode ser entendida como: *...se você conseguir responder a estas perguntas calmamente/serenamente/friamente...*

As perguntas a que esse trecho se refere são:

- O que o empregador em potencial realmente precisa de um novo funcionário? (*What does the potential employer really need from a new employee?*)
- Que qualidades específicas, competências no ambiente de trabalho e qualidades pessoais o empregador está procurando? (*What specific technical skills, workplace competencies and personal qualities is the employer looking for?*)

Segundo o texto, se conseguirmos responder a estas perguntas de maneira não tão entusiástica, você será capaz de identificar seus pontos fortes (*strengths*) que possam ser combinados (*match*) e entrelaçados (*weave*) em qualquer conversa que você tenha no mundo dos bons empregos e carreiras de possibilidades (*prospectives*).

REDAÇÃO

PROPOSTA

As reações do cérebro à bajulação

Pesquisa mostra que se você for bajular alguém é melhor fazer elogios descarados

Não é o que os meritocratas convictos gostariam de ouvir. Uma pesquisa da escola de negócios da Hong Kong University of Science and Technology indica que a bajulação tem um efeito marcante no cérebro da pessoa bajulada. Mais surpreendente do que isso é a conclusão do estudo de autoria de Elaine Chan e Jaideep Sengupta: quanto mais descarada a bajulação, mais eficiente ela é. A pesquisa deu origem a um artigo no Journal of Marketing Research, intitulado Insincere Flattery Actually Works (“Bajulação insincera de fato funciona”, numa tradução literal) e rapidamente chamou a atenção da imprensa científica mundial.

Os autores são cautelosos ao afirmar que puxar o saco funciona, mas é nessa direção que sua pesquisa aponta. Elaine e Sengupta criaram situações nas quais os pesquisados foram expostos à bajulação insincera e oportunista. Numa delas, distribuíram um folder entre os pesquisados que detalhava o lançamento de uma nova rede de lojas. O material publicitário elogiava o “apurado senso estético” do consumidor. Apesar do evidente puxa-saquismo, o sentimento posterior das pessoas foi de simpatia em relação à rede. Entre os participantes, a medição da atividade cerebral no córtex pré-frontal (responsável pelo registro de satisfação) indicou um aumento de estímulos nessa região. O mesmo ocorreu em todas as situações envolvendo elogios.

Segundo os pesquisadores, a bajulação funciona devido a um fenômeno cerebral conhecido como “comportamento de atraso”. A primeira reação ao elogio insincero é de rejeição e desconsideração. Apesar disso, a bajulação fica registrada, cria raízes e se estabelece no cérebro humano. A partir daí, passa a pesar subjetivamente no julgamento do elogiado, que tende, com o tempo, a formar uma imagem mais positiva do bajulador. Isso vale desde a agência de propaganda até o funcionário que leva um cafezinho para o chefe. “A suscetibilidade à bajulação nasce do arraigado desejo do ser humano de se sentir bem consigo mesmo”, diz Elaine Chan. A obviedade e o descaramento do elogio falso, paradoxalmente, conferem-lhe maior força. Segundo os pesquisadores, é a rapidez com que descartamos os elogios manipuladores que faz com que eles passem sem filtro pelo cérebro e assim se estabeleçam de forma mais duradoura.

Segundo Elaine e Sengupta, outro fator contribui para a bajulação. É o “efeito acima da média”. Temos a tendência de nos achar um pouco melhor do que realmente somos, pelo menos em algum aspecto. Pesquisas com motoristas comprovam: se fôssemos nos fiar na autoimagem ao volante, não haveria barbeiros. Isso vale até para a pessoa com baixa autoestima. Em alguma coisa, ela vai se achar boa, nem que seja em bater figurinha.

Mas se corremos o risco de autoengano com a ajuda do bajulador, como se prevenir? “Desenvolvendo uma autoestima autêntica”, diz Elaine. A pessoa equilibrada, que tem amor-próprio, é mais realista sobre si mesma, aceita-se melhor e se torna mais imune à bajulação.

(As reações do cérebro à bajulação. Época Negócios, março de 2010, p. 71.)

PROPOSIÇÃO

*Bajular, lisonjear, adular, puxar saco são atitudes consideradas, muitas vezes, defeitos de caráter ou deslizos de natureza ética; são, também, condenadas pelas próprias religiões, como vícios ou “pecados”. As ficções literárias, teatrais e cinematográficas estão repletas de tipos bajuladores, lisonjeadores, adutores, puxa-sacos, quase sempre sob o véu do ridículo e do desvio de caráter. Modernamente, porém, pelo menos em parte, essa condenação à bajulação e à lisonja tem sido atenuada, e até mesmo justificada por alguns como parte do *marketing pessoal*, ou como estratégia para atingir metas, dado o fato de que, como se informa no próprio artigo acima apresentado, até o elogio mais insincero pode encontrar eco na mente e no coração do elogiado. Na passagem do conto de Machado de Assis, apresentada nesta prova, Clemente Soares acabou atingindo seus objetivos por meio da bajulação, e a personagem Fagundes, de Laerte, parece viver sempre feliz em sua atividade preferencial de bajular.*

Reflita sobre o conteúdo dos três textos mencionados e elabore uma redação de gênero dissertativo, empregando a norma-padrão da língua portuguesa, sobre o tema:

A BAJULAÇÃO: VIRTUDE OU DEFEITO?

Comentários

A proposta de redação da Unesp seguiu uma estrutura já usada em outros anos, ao apresentar um conceito e pedir ao candidato que o julgasse em termos dicotômicos (“virtude ou defeito?”). O primeiro comentário a ser feito nesses casos é que, embora seja necessário responder à pergunta-tema, o autor não precisa, obrigatoriamente, tomar uma posição radical, eliminando totalmente uma das duas possibilidades: é válida a tese segundo a qual a bajulação seria ao mesmo tempo uma virtude e um defeito. O importante, para o candidato que defender essa opinião, é se argumentar de forma clara, mostrando quais são as características que permitem à bajulação ser considerada virtuosa ou viciosa.

Outro comentário importante a ser feito é que, embora o tema trate de uma característica moral, o que está sendo julgado não é o comportamento ético do candidato. Em outras palavras: não será premiada apenas a redação que mostrar uma defesa firme dos valores considerados tradicionalmente corretos. Muitos candidatos acreditam que suas redações receberão mais pontos se defenderem “a moral e os bons costumes”, e acabam, movidos por essa crença, escrevendo textos ruins, com ideias que reproduzem o senso comum. Mais um motivo pelo qual é perfeitamente válido afirmar que a bajulação é uma virtude ou que tem características de virtude e defeito ao mesmo tempo.

O principal texto motivador foi um artigo publicado na revista *Época Negócios*, em que se menciona uma pesquisa segundo a qual a bajulação, especialmente a mais exagerada e de patente insinceridade, tem um forte efeito sobre a pessoa bajulada. O texto mostra claramente que a bajulação torna seu alvo mais propenso a formar uma imagem positiva do bajulador. Dessa forma, o candidato atento poderia construir sua argumentação com base no fato de que a bajulação traz vantagens práticas, mas nem por isso deve ser considerada uma virtude *moral*, pois envolve desonestidade e cálculo interesseiro.

O texto de Machado de Assis que serviu de base para as questões 29 a 32 mostra esse mesmo aspecto da bajulação, vista aí como um meio usado por pessoas inteligentes e calculistas para conseguir vantagens pessoais. Já a tira de Laerte, embora não faça julgamentos explícitos sobre a validade ou não da bajulação, ironiza-a ao mostrar o personagem Fagundes bajulando seu aluno de forma que parece natural. Logo depois, no entanto, fica claro que Fagundes já estava usando os elogios de forma calculada, como uma primeira lição sobre a arte do “puxa-saquismo”.

Enfim, o tema da Unesp 2012, embora não fosse especialmente previsível, revelou-se bastante claro e bem formulado, com material suficiente para a elaboração de bons textos, desde que o candidato o lesse com atenção e preparasse o seu projeto de texto com cuidado.

Equipe desta resolução

Português

Cícero Gomes Jr
Gabriela Dias Lourenço dos Santos
Vanessa Bottasso Valentini

Inglês

Simone Buralli Rezende

Revisão

Fabiano Gonçalves Lopes
Frederico Luís Oliveira Vilela
Marcelo Duarte Rodrigues Cecchino Zabani

Digitação, Diagramação e Publicação

Rebeca Higinio Silva Santos